

OS ESTUDOS SOBRE AS DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE GÊNERO EVANGÉLICAS NO BRASIL: AS IGREJAS INCLUSIVAS E OS NOVOS DESAFIOS

Alisson Cruz Soledade

Doutor em História (UFSC). Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas em História e Culturas (UECE) e pesquisador vinculado ao Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). alissonsoledade@gmail.com

**OS ESTUDOS SOBRE AS DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE GÊNERO
EVANGÉLICAS NO BRASIL: AS IGREJAS INCLUSIVAS E OS NOVOS DESAFIOS**

**STUDIES ON EVANGELICAL SEXUAL AND GENDER DISSIDENCY IN BRAZIL:
INCLUSIVE CHURCHES AND NEW CHALLENGES**

Alisson Cruz Soledade

RESUMO

A construção de igrejas por dissidentes sexuais e de gênero no Brasil foi acompanhada da ampliação da repercussão midiática e de investigações produzidas por pesquisadores e pesquisadores de diversas disciplinas das Ciências Humanas e Sociais. Os trabalhos produzidos analisaram as trajetórias e experiências dessas pessoas com o intuito de compreender os impactos dos discursos religiosos na elaboração das subjetividades, de refletir sobre a constituição das novas igrejas e suas relações com as normas sexuais e de gênero, assim como discutir a constituição de novas perspectivas teológicas no contexto de constituição das comunidades inclusivas. Nesse sentido, a partir de levantamento bibliográfico e de análise de teses e dissertações produzidas sobre a temática, esse texto propõe compreender o estado da arte das pesquisas sobre as dissidências sexuais evangélicas envolvidas na formação das igrejas inclusivas no Brasil e os novos desafios para o campo de pesquisa a partir da emergência de grupos de articulação dessas igrejas e de movimentos paraeclesiais fundados no final da década de 2010.

PALAVRAS-CHAVE: Igrejas Inclusivas; Dissidentes sexuais e de gênero; Evangélicos.

RÉSUMÉ

La construction d'églises par des dissidents sexuels et de genre au Brésil était accompagnée de l'expansion de la couverture médiatique et des enquêtes produites par des chercheurs de différentes disciplines des Sciences Humaines et Sociales. Les travaux produits ont analysé les trajectoires et les expériences de ces personnes afin de comprendre les impacts des discours religieux sur l'élaboration des subjectivités, de réfléchir sur la constitution de nouvelles églises et leurs relations avec les normes sexuelles et de genre, ainsi que de discuter de la constitution de nouvelles perspectives théologiques dans le contexte de la constitution de communautés inclusives. En ce sens, sur la base d'une enquête bibliographique et d'une analyse des thèses et mémoires produits sur le sujet, ce texte propose de comprendre l'état de l'art des recherches sur les dissidences sexuelles évangéliques impliquées dans la formation d'églises inclusives au Brésil et les nouveaux défis pour le champ de recherche depuis l'émergence de groupes d'articulation de ces églises et mouvements religieux fondés à la fin des années 2010.

KEY WORDS: Églises inclusives; Dissidents sexuels et de genre; évangéliques.

INTRODUÇÃO

Nas duas primeiras décadas do século XXI ocorreu no Brasil a emergência e ampliação de igrejas evangélicas fundadas, administradas e frequentadas por dissidentes sexuais e de gênero. Autodenominadas de *Igrejas Inclusivas*, em seu prelúdio destacavam as dificuldades encontradas por lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexo para frequentarem os templos e vivenciarem sua fé (NATIVIDADE, 2008; ALVES, 2009; BRANDÃO, 2021). Diante disso, construíram suas próprias comunidades religiosas com a finalidade de oferecer ambientes que não excluíssem pessoas em virtude da sua orientação sexual e identidade de gênero, bem como realizar trabalhos pastorais de acolhimento desses segmentos da sociedade e de promoção de interpretações bíblicas que confrontassem as normas historicamente constituídas acerca da diversidade (WEISS DE JESUS, 2012; SOUZA, 2015).

Nesse contexto, diversos veículos de comunicação se ocuparam em noticiar a existência das igrejas inclusivas, seus desafios e conflitos com os setores tradicionais do campo evangélico. A primeira notícia sobre a existência de igrejas inclusivas no Brasil foi publicada no jornal Estado de São Paulo em 2003 no bojo da cobertura da 7ª Parada do orgulho:

Líder de um grupo gay, Wladimir Freire divulgava a Igreja Acalanto. Segundo ele, é a primeira igreja gay do Brasil, com cultos aos domingos. “Ainda estamos procurando uma sede. A igreja não faz distinção entre homossexuais e heterossexuais, e já existe há um ano” (CARRANCA, 2003, p. 31).

Em 2004 o Estado de São Paulo (THOMÉ, 2004) e a revista *Época* (MARTINS, 2004) noticiaram a inauguração do templo da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) no Rio de Janeiro. Enquanto no periódico paulista foi destacado o cotidiano da nova igreja, seus atributos de inclusão, serviços oferecidos e sua relação com a cidade, a revista *Época* reportou que a igreja fundada na capital fluminense fazia parte de uma denominação evangélica americana que estava presente em 21 países e contava com 300 igrejas.

A partir de então, inúmeras matérias foram realizadas sobre as igrejas fundadas por dissidentes sexuais no Brasil em outros veículos de comunicação como os portais de notícias na internet em programas de televisão¹, o que provocou uma maior visibilidade pública para esse segmento evangélico. Pesquisadores e pesquisadoras do campo acadêmico também passaram a investigar o fenômeno das igrejas inclusivas e tem contribuído substancialmente para o mapeamento dessas comunidades religiosas no país.

Em busca realizada utilizando como palavra-chave o termo exato *Igreja Inclusiva* na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, foram encontrados no ano de 2022 dezenove trabalhos entre teses e dissertações. Ainda que a plataforma não apresente todas as publicações sobre o tema, ela é um indício sólido do crescimento do debate sobre a organização de igrejas inclusivas no Brasil, dos significados e desafios promovidos pela dinamização dos questionamentos sobre gênero e sexualidade no campo religioso evangélico brasileiro no início do século XXI.

Nesse sentido, uma das grandes contribuições desses trabalhos têm sido demonstrar que as igrejas inclusivas não estão circunscritas ao sudeste do país e encontram-se espalhadas no território nacional. Assim, Miriam Ferreira (2016) e Fagner Brandão (2021) estudaram a constituição de igrejas inclusivas em Goiás, Moisés Neto (2013) e Daniel Lorenzo (2016) buscaram compreender a teologia empregada na ação evangelizadora promovida pelos cristãos inclusivos na Paraíba (2016), Isabelle Honorato refletiu sobre as articulações entre homossexualidade, família e religiosidade na experiência de integrantes da Igreja Apostólica da Renovação Inclusiva no Amazonas (2016), Carlos Lima (2013) analisou o funcionamento da Igreja Cristã Nova Esperança do Rio Grande do Norte os discursos que circulantes sobre a homossexualidade, Adriana Gelinsk (2017) discutiu a relação entre homossexualidade, experiência religiosa e espacialidade no Paraná ao analisar as pessoas que compunham a ICM Maringá e a Igreja Episcopal Anglicana de Curitiba e Arilson Carmo (2019) abordou a relação entre sexualidade e religião ao investigar a Comunidade Cristã Nova Esperança em Pelotas no Rio Grande do Sul. Por fim, discuti a constituição da primeira igreja

¹ Importante destacar a longa reportagem veiculada no programa Conexão Repórter do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) em 2020 sobre as igrejas inclusivas brasileiras. O programa reuniu lideranças de diversas igrejas inclusivas para falar sobre suas religiosidades, mas também apresentou os posicionamentos de detratores sobre a relação entre a fé cristã e as dissidências sexuais e de gênero (CONEXÃO, 2020).

inclusiva na Bahia e as posições assumidas no campo religioso pelos cristãos inclusivos da Comunidade Cristã Inclusiva do Salvador (SOLEDADE, 2022).

Embora esses trabalhos tenham contribuído sensivelmente para o mapeamento e avaliação do fenômeno inclusivo no Brasil, as produções de André Musskopf (2008), Marcelo Natividade (2008) e Fátima Weiss de Jesus (2012) foram fundamentais para a constituição do campo de investigação das experiências de dissidentes sexuais e de gênero no campo religioso. Elas construíram as balizas nas quais o ainda emergente campo de investigação está assentado ao constituir três eixos de pesquisa sobre o fenômeno das igrejas fundadas e frequentadas por dissidentes sexuais e de gênero. O primeiro eixo é o teológico no qual o foco das pesquisas está na compreensão dos sabres, significados e práticas empregadas por esses grupos, o segundo é o institucional no qual se discute a constituição de novas igrejas e suas relações com outras corporações religiosas e a terceira é a compreensão da subjetividade produzida pela interação entre religiosidade, gênero e sexualidade.

Portanto, o objetivo desse texto é realizar um estado da arte das produções sobre as igrejas inclusivas no Brasil, discutir as abordagens, perspectivas e caminhos abertos após mais de uma década de publicação das primeiras teses e dissertações sobre o tema no país. Além disso, procuro sugerir novos caminhos de desenvolvimento no campo ao identificar as transformações decorridas da ampliação do número de igrejas no território nacional e das tentativas de articulação coletiva dessas igrejas.

O ESTADO DA ARTE

A emergência das igrejas inclusivas no Brasil tem desafiado pesquisadores e pesquisadoras de diversos campos do conhecimento a investigassem o fenômeno religioso a partir de diferentes matizes. As teses de Marcelo Natividade e de André Sidnei Musskopf de foram as primeiras a pontuar a existência dessas experiências religiosas no Brasil, contudo elas não foram o cerne das pesquisas. Enquanto Marcelo Natividade (2008) realizou uma pesquisa etnográfica sobre as disputas relativas à homossexualidade no campo religioso evangélico e, nesse contexto, apontou a constituição de igrejas inclusivas no Brasil ao situar o processo de criação da Igreja da Comunidade Contemporânea como dissidência da ICM,

André Musskopf (2008) buscou sugerir caminhos para a constituição de uma teologia *queer* (TQ) no Brasil e, nesse processo, situou o surgimento de movimentos religiosos das dissidências sexuais e de gênero na América Latina e a construção de igrejas inclusivas. Foram as dissertações de Zedequias Alves (2009) e de Eduardo Rodrigues (2009) as primeiras que focaram nas Igrejas Inclusivas como problemáticas centrais em suas pesquisas.

Com efeito, é importante sinalizar que as pesquisas sobre as igrejas inclusivas podem ser percebidas dentro de três eixos: institucional, da subjetividade e teológico. Isso não quer dizer que uma pesquisa mais focada em um desses aspectos não discuta os elementos dos outros dois, pois todas discutem a relação entre sexualidade e as doutrinas cristãs a partir das relações de disputas e interações no campo religioso. A diferença entre elas consiste mais no grau e no foco da reflexão, mas todas acabam de uma forma ou de outra passando pelos três eixos que articulam a discussão maior sobre sexualidade e religiosidade no campo religioso.

Diante disso, as pesquisas do eixo institucional seriam aquelas mais preocupadas em comparar os discursos, as práticas e as posições políticas de diferentes igrejas inclusivas para apontar as aproximações e divergências entre elas. Os trabalhos mais voltados para as subjetividades são aqueles em que os sujeitos ganham maior relevo na discussão sobre suas trajetórias, crenças e trânsitos sociais, além da maneira como se relacionam com as doutrinas das igrejas. Por último, os textos mais fincados na teologia são aqueles que buscam compreender o papel do conhecimento religioso na articulação da vivência religiosa e da produção de significados relativos à proposta doutrinária.

Essa demarcação das produções se justifica por uma ainda incipiente produção historiográfica disciplinar sobre as igrejas inclusivas, o que torna as pesquisas de diferentes áreas como a comunicação, sociologia, antropologia, psicologia, ciências da religião e teologia, importantes pares para a discussão desse fenômeno religioso. Essa interdisciplinaridade, ainda que recurso fundamental por apresentar inúmeras matrizes teóricas, metodológicas e de escopo, nos desafia a refletir sobre os diferentes caminhos trilhados e as possibilidades de compreensão do fenômeno religioso. Assim, a divisão dos eixos apresentadas é capaz de suplantar a reflexão disciplinar e indicar modelos capazes de aprofundar a discussão de um campo de pesquisa ainda emergente.

Deste modo, situo as pesquisas de Marcelo Natividade (2008), Eduardo Rodrigues (2009) e Luís Gustavo de Oliveira (2017) como mais inclinadas ao eixo institucional, os trabalhos de Fátima Weiss de Jesus (2012) e Vanrochris Vieira (2015) para as subjetividades e as pesquisas de André Sidnei Musskopf (2008), Zedequias Alves (2009) e Raquel Souza (2015) para a teologia.

Enquanto a já mencionada pesquisa de Marcelo Natividade analisou as disputas em torno das definições e do modo de abordagem sobre as sexualidades em igrejas cristãs evangélicas tradicionais e inclusivas, a pesquisa da área de psicologia social realizada por Eduardo Rodrigues, *Igrejas evangélicas inclusivas da cidade de São Paulo e Guarulhos: um estudo psicopolítico das igrejas vistas por seus pastores*, reuniu especificamente lideranças de três igrejas inclusivas e apontou a maneira como eles compreendiam suas igrejas e as suas relações com os movimentos sociais de luta pelos direitos civis de LGBT's. O foco de Rodrigues estava mais nas categorias políticas e sociais seculares do que nas experiências religiosas destas lideranças. Assim, não há uma reflexão cuidadosa sobre o fenômeno religioso, mas a pesquisa contém interessantes e importantes considerações sobre as divergências e aproximações entre Igreja da Comunidade Metropolitana, Comunidade Cristã Nova Esperança (CCNE) e Igreja Cristã Evangelho Para Todos. Ele aponta, nesse sentido, que apesar de todas elas defenderem a inclusão, cada uma executava e compreendia de uma maneira diferente, destacando como principais aspectos a relação entre a igreja, movimentos sociais e a política partidária, além das divergências de abordagem para controle das condutas da membresia.

Assim, de acordo com Rodrigues, enquanto a CCNE e a Igreja Cristã Evangelho Para Todos preconizavam a relação política com outras pessoas religiosas e realizavam uma defesa do controle comportamental dos membros e membras da igreja, o líder da ICM percebia a relação com a política como algo essencial na luta pelos direitos humanos, possuía vínculo com os movimentos LGBT e não era defensor da vigilância e controle sobre os corpos das pessoas que compunham a igreja.

Nesse sentido, a pesquisa de Eduardo Rodrigues assim como a de Marcelo Natividade perceberam a diversificação existente entre as propostas inclusivas e delinearão quais as diferenças entre as instituições investigadas. Seguindo um caminho semelhante das

diferenças e discordâncias, Luis Gustavo Oliveira também dissertou sobre o fenômeno religioso das igrejas inclusivas.

Em *O senhor é meu pastor e ele sabe que eu sou gay*, o sociólogo Luís Oliveira compara a ICM/SP e a Cidade Refúgio (CR) com o intuito de entender as aproximações e distanciamentos entre elas a partir das supostas discordâncias acerca das “interpretações cosmológicas da vida religiosa e das experiências sexuais e de gênero” (OLIVEIRA, 2017, p. 12). Assim, ele parte de uma perspectiva comparativa para analisar a nem sempre explícita disputa que envolve a ICM-SP e a CR pelos sentidos da teologia e da eclesiologia LGBT cristã e que perpassa por questões de gênero, sexualidade, comportamentos sexuais e códigos religiosos. De acordo com ele, além das diferenças existiam similaridades, como a adesão doutrinária. Enquanto a CR se afirma retoricamente como neopentecostal, a ICM-SP nega qualquer adesão doutrinária. Contudo, os ritos seguem padrões dos protestantes históricos. Em relação à sexualidade, Oliveira indica que na ICM também existe certa vigilância e controle dos membros. Oliveira, único autor a defender a existência de uma interferência das lideranças religiosas da ICM na vida da membresia da igreja, apontou que de maneira implícita havia um cuidado das lideranças da ICM-SP em intervir nas afetividades dos membros:

Podemos observar que o discurso de interdição a determinadas vivências, como por exemplo, o sexo pré marital, nem sempre se corporifica nas vivências e nas experiências cotidianas dos que aderem à fé da Comunidade Cidade de Refúgio. Da mesma forma, o discurso tido como liberal das lideranças da Igreja da Comunidade Metropolitana possui diversas “aspas” e observações, e se constitui muito mais como agente de diferenciação em relação aos outros grupos chamados inclusivos do que de fato como uma diferenciação plenamente constatada nas vivências dos membros desta comunidade religiosa (OLIVEIRA, 2017, p. 108).

Além de analisar as relações de gênero, a maneira como a sexualidade era abordada e as posições políticas a partir das vivências dos membros nessas comunidades, Oliveira também se preocupou em compreender as suas características religiosas, isto é, ele abordou como a liturgia, a organização eclesiástica e comunitária das igrejas se manifestavam mediante o cenário religioso cristão. Nesse sentido, ele analisa a vivência religiosa nas igrejas e defende que enquanto a ICM “em sua liturgia de culto, em suas festividades, ou mesmo em suas relações de amizade, pouco tem a ver com uma vida ascética, polida e com ênfase nos distanciamentos típicos dos protestantismos” (OLIVEIRA, 2017, p. 99), a Cidade Refúgio se

caracteriza como uma comunidade religiosa pentecostal, mas “com forte presença de elementos do neopentecostalismo, com adesão à teologia da prosperidade, e com uma alta rigidez discursiva em relação à moral sexual e aos costumes de seus membros.” (idem, p. 12-13).

De uma maneira diferente da análise comparativa que tinha como foco as instituições, como as realizadas por Rodrigues, Oliveira e Natividade, Vanrochris Vieira buscou compreender em sua dissertação, *Vivendo no Front: discursos acionados por sujeitos na fronteira entre a perspectivas LGBTs e evangélicas*, realizada na área de comunicação social, como as dissidências sexuais cristãs lidavam com as contradições que envolviam suas sexualidades e as normas religiosas cristãs a fim de entender como eles e elas se utilizavam dessa fronteira para dar sentido às suas subjetividades. O trabalho se desenvolveu a partir de uma etnografia multissituada (ou multilocal), um método que “propõe-se a investigar diferentes grupos e lugares interconectados entre si, pensando nas relações por eles estabelecidas a partir de dinâmicas que ultrapassam a coexistência em um mesmo local” (VIEIRA, 2015, p. 18), e, assim, se debruçou sobre sujeitos em diálogo que compunham o Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais (CELLOS), a Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM), a Igreja Cristã Contemporânea (ICC) e a Igreja Batista da Lagoinha (IBL) em Belo Horizonte. Nesse exercício, ao analisar os discursos em situação de interação, Vieira defende que as subjetividades evangélicas e LGBT’s não podem ficar restritas às concepções sobre as dissonâncias, pois os sujeitos buscam também acomodar os dois universos de maneira a estabilizar as contradições existentes:

As experiências e subjetividades evangélicas e LGBTs se misturam e se relacionam de formas muito mais amplas e variadas do que o simples confronto direto entre elas. Não há apenas evangélicos contrários à diversidade sexual de um lado, e LGBTs contrários às perspectivas evangélicas do outro. Os sujeitos encontram diversas maneiras de equalizar esses dois tipos de subjetividades e experiências (VIEIRA, 2015, p. 132).

A pesquisa de Vanrochris Vieira é importante por tentar compor o cenário que envolve as discussões sobre sexualidade e religião entre igrejas inclusivas e os movimentos sociais de dissidentes sexuais e de gênero, mas também por buscar compreender a posição dos sujeitos que frequentam igrejas tradicionais defensoras da ideia de cura. Como seu foco é o sujeito, não há uma reflexão ampla sobre o fenômeno religioso, ele analisa os discursos e as

interações entre essas pessoas de diferentes vertentes cristãs e ativistas, de acordo com as pautas LGBT's e as doutrinas cristãs.

Assim como o foco das indagações sobre os sujeitos na fronteira entre o religioso e o ativismo, a pesquisa de Vieira também está na fronteira, isto é, seu trabalho se aproxima tanto das discussões sobre diferença e conflito realizadas por Natividade, Rodrigues e Oliveira quanto de pesquisas mais inclinadas para a investigação sobre as subjetividades, como a tese da antropóloga Fátima Weiss de Jesus, *Unindo a cruz e o arco-íris: vivência religiosa, homossexualidades e trânsitos de gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo*. Enquanto a pesquisa de Vieira buscou compreender os discursos de LGBT's evangélicos a partir das interações e sociabilidades deles nas igrejas que frequentavam e nos movimentos sociais que compunham, Weiss de Jesus, mais fundamentada nos estudos de gênero, defendeu que na ICM de São Paulo havia uma valorização dos aspectos femininos por gays, travestis, transexuais e *drag queens*:

Se na Igreja Contemporânea a frequência é dada majoritariamente por gays e qualquer traço considerado de feminilidade é “condenado” (NATIVIDADE, 2008), na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo (ICM-SP) a presença de *drag queens* e travestis é constante e, entre os gays a presença de aspectos considerados “femininos” (expressos no “dar pinta”) são comuns mesmo entre as lideranças religiosas. O mesmo acontece com a presença de lésbicas, travestis e *drag queens* em espaços importantes na hierarquia leiga da igreja. Mesmo o comportamento não “masculinizado” dos gays, aponta para outras concepções e significações (valorativas) de femininos e masculinos que circulam entre homens e mulheres (WEISS DE JESUS, 2012, p. 28).

A análise sobre as relações de gênero na ICM-SP realizada por Fátima Weiss de Jesus foi composta por um minucioso levantamento da existência de Igrejas Inclusivas no Brasil até aquele período. Entretanto, seu trabalho de base etnográfica tem como principal característica e mérito a detalhada discussão sobre as trajetórias de vida das pessoas que compunham a igreja desde as recordações da vida escolar, relações familiares e afetivo-sexuais, bem como as experiências em outras religiões, igrejas cristãs tradicionais e a vivência religiosa na ICM.

Desta maneira, apesar de sinalizar o crescimento do número de igrejas inclusivas no país e apontar as diferenças entre elas, o foco de Fátima Weiss de Jesus estava mais em perceber como as relações de gênero estruturavam as vivências religiosas das dissidências

sexuais que compunham a comunidade estudada, dando relevo, assim, para as reflexões sobre as subjetividades na composição das disputas no campo:

Creio que foi fundamental, a partir desta perspectiva, compreender o campo das *igrejas inclusivas* como um espaço social marcado pelas relações de disputas, entre diversos especialistas, entre si, pela imposição do religioso e das diferentes maneiras de desempenhar as ações religiosas e, conseqüentemente, pelas disputas em torno da acumulação dos capitais religiosos; neste caso, fortemente atrelados ao significado das sexualidades (e em particular das homossexualidades), na medida em que o discurso institucional da ICM-SP “de inclusão radical” se coloca como diferente das *igrejas inclusivas* que propõem uma “homossexualidade santificada” (Natividade, 2008). Essa afirmação é fundamental para a compreensão da legitimação desse conhecimento específico, o capital religioso, na legitimação da existência de sujeit@s não heterossexuais diversos, habilitando-os à manipulação do sagrad@ e na construção de grupos e na compreensão de que essas disputas tensionam e constroem mutuamente ambas as perspectivas. Também é fundamental para entender como as *igrejas inclusivas* fazem sentido neste campo religioso, na medida em que igrejas *evangélicas* têm investido sistematicamente em deslegitimar a existência de sujeit@sLGBTs (WEISS DE JESUS, 2012, p. 261).

O delineamento do campo inclusivo realizado por Fátima de Jesus é fundamental para a compreensão do processo de crescimento do número dessas igrejas e como elas têm se organizado de modo plural, além de ter apresentado uma multiplicidade de definições sobre a inclusão e a relação entre o sagrado e a sexualidade. No entanto, ao afirmar sobre as tentativas de deslegitimação dessas igrejas realizadas por atores religiosos ligados às igrejas tradicionais, Weiss de Jesus deixou de perceber que o campo inclusivo não é um campo autônomo do evangélico e que as disputas que ocorrem nele fazem parte das dissonâncias e lutas existentes no campo em que evangélicos tradicionais são a força hegemônica. Nesse sentido, o campo inclusivo, com todas as características específicas, seus especialistas e doutrinas, não se situa fora do campo religioso evangélico. A Igreja Cristã Contemporânea estudada por Natividade e a Cidade Refúgio analisada por Oliveira são dois exemplos disso. Elas são igrejas neopentecostais que apresentam a mesma base teológica da prosperidade e da batalha esperitual das neopentecostais tradicionais, seus cultos são realizados seguindo a mesma liturgia e suas organizações eclesíastica também são semelhantes. A divergência se dá pela forma como a sexualidade dissidente é abordada.

O campo inclusivo se configura, diante disso, como um subcampo evangélico. As igrejas inclusivas brasileiras se situam no campo religioso evangélico, mas constituíram um particular estado das relações de força pela definição do que seria o inclusivo. São igrejas que

participam das disputas no campo evangélico e também daquelas mais especificamente definidas entre as igrejas fundadas, administradas e compostas por cristãos e cristãs dissidentes sexuais e de gênero.

Nesse momento de crescimento do número de igrejas inclusivas no país, o aspecto teológico tem se configurado como o principal espaço de sustentação das propostas dessas igrejas e, por conseguinte, das disputas pela definição do que consiste uma prática cristã inclusiva. Diante disso, tem chamado cada vez mais a atenção de pesquisadores e pesquisadoras atentos e atentas para esse aspecto do fenômeno religioso.

Ainda nesse sentido, o teólogo André Sidnei Musskopf realizou uma extensa reflexão sobre a constituição de uma teologia afastada das delimitações dos saberes religiosos de matriz heterocêntrica no Brasil. Essa teologia, chamada de *queer*, seria composta mediante a articulação entre a teoria *queer* e a teologia da libertação, mas tendo a – suposta – ambiguidade cultural brasileira como princípio epistemológico. Contudo, a principal contribuição de Musskopf para o campo historiográfico foi a discussão sobre as transformações na teologia cristã sobre as dissidências sexuais.

Na sua demarcação, André Sidnei Musskopf esboça o que seria a *teologia homossexual*, *teologia gay* e a *teologia queer*. A *teologia homossexual* teria sido “o primeiro” exercício de reflexão ou nascimento de uma teologia preocupada em refletir sobre a homossexualidade a partir das mudanças perpetradas pela experiência de luta do movimento homófilo, mas ainda dentro do padrão normativo da medicina. Ele salienta que essas reflexões estavam calcadas na concepção do homossexual enquanto sujeito e isto era proveniente do dispositivo de sexualidade:

As discussões suscitadas pelas publicações que estamos chamando de teologia homossexual, embora não se definissem assim naquele momento, definitivamente romperam com as formas de abordagem desenvolvidas ao longo da Idade Média em torno da “sodomia”. Assim, elas também abriram caminho e inspiraram outros teólogos e outras teólogas que levaram adiante esta discussão. Surgiu, então, um discurso teológico muito mais afirmativo, que “ousou dizer seu nome”, inaugurando e consolidando um novo campo no âmbito da Teologia. A produção nesta área também foi marcada por mudanças e situações novas nas quais seus protagonistas estavam envolvidos/as. São estas condições que compõem o contexto que permitiu a emergência do que se chamou, especialmente na década de 80 e início dos anos 90, de Teologia Gay (MUSSKOPF, 2008, p. 129).

Deste modo, enquanto a *teologia homossexual* produziu as primeiras reflexões sobre a homossexualidade de acordo com as definições do dispositivo de sexualidade

(FOUCAULT, 1999), a *teologia gay* emergiu como resultado das discussões e lutas de ativistas do movimento de libertação gay na década de 1960. Assim, para Musskopf, diferente da *teologia homossexual* que estava constituída numa identidade fundada no discurso médico, “a teologia gay de cunho liberacionista vai centrar sua atenção na experiência destes sujeitos, com ênfase na situação de opressão e na necessidade de lutar pela libertação” (MUSSKOPF, 2008, p. 136). Ao apontar as discussões sobre a constituição da *teologia gay*, ele sinaliza a relação entre ela e a teologia da libertação. Isto porque houve a utilização das experiências de exclusão com o intuito de construção de uma consciência coletiva entre gays. Diante disso, de acordo com Musskopf, o paradigma do êxodo passou a ser utilizado por teólogos para demonstrar a transformação de uma interpretação bíblica apenas defensiva e apologética para outra obstinada a visibilizar histórias ocultadas e silenciadas. Contudo, a proposta de luta contida nos movimentos liberacionistas perdeu força no final da década de 1970, tornando-se assimilacionista e não alçando mais como objetivo subverter a ordem, mas buscar a integração dos sujeitos excluídos sem que as bases heterocêntricas da sociedade fossem desmontadas.

O teólogo aponta, nesse sentido, que o impacto social da pandemia do HIV na década de 1980 e 1990 provocou mudanças no ativismo e, por conseqüência, no trabalho teológico. Violentamente evocada no início como uma patologia específica das dissidências sexuais, “definida como ‘peste’ ou ‘câncer gay’, o vírus HIV e a AIDS foram vistos por muitas como um castigo divino ou como uma forma de purificar a sociedade de comportamentos distorcidos, desviados, praticados pelos “grupos de risco” (MUSSKOPF, 2008, p. 143), e só passou a ter uma atenção maior das instituições religiosas e do Estado quando foi percebido que isso era uma questão de saúde pública, não restrito à comunidade homossexual (MUSSKOPF, 2008, p. 143). Esse contexto provocado pela pandemia causou a rearticulação de movimentos políticos, a constituição de novos movimentos e de novas ferramentas para a luta, já que “o enfrentamento da AIDS exigia a luta contra várias formas de preconceito que tornavam grupos e pessoas vulneráveis ao vírus HIV” (MUSSKOPF, 2008, p. 144).

O vocábulo *queer* surgiu então como forma de nomear a instabilidade, a dissidência e a fluidez em contraposição à estabilidade e à rigidez das identidades, tornando

dinâmica a compreensão da constituição dos sujeitos e, por consequência, das coalizões políticas naquele contexto. No campo teológico isso foi incorporado, de acordo com Musskopf, e produziu uma mudança significativa na forma como se discutia o religioso e a sexualidade, tendo como temas principais inicialmente a vida e a morte, o luto e a sobrevivência em decorrência do contexto de pandemia, mas discutindo também a espiritualidade que não se restringia às ortodoxias eclesiais das igrejas tradicionais. Em resumo, para Musskopf:

O aprofundamento das discussões sobre as identidades sexuais e de gênero no âmbito acadêmico e do movimento social e, de maneira especial, o advento da epidemia da AIDS, permitiram e implicaram mudanças profundas no âmbito do discurso teológico gay. Os estudos teóricos queer, com suas múltiplas influências teóricas e principalmente com os questionamentos advindos do renovado movimento LGBT, colocaram desafios para um discurso teológico configurado dentro do que se pode chamar de homonormatividade (ou guetização). O rompimento dos históricos e persuasivos binarismos identitários em termos de gênero e sexualidade propostos por estas correntes fez emergir um discurso que buscou lidar com a fluidez, a transitoriedade e a ambiguidade destas construções identitárias, suas consequências para o discurso teológico e a constituição e a permanência das instituições eclesiásticas. Emergiu, então, um discurso teológico que, a partir das histórias (narrativas) sexuais silenciadas e marginalizadas, transgride as fronteiras de um discurso (hetero ou homo) normativo, assumindo a descontinuidade do seu próprio discurso e a necessidade de constante revisão e reconstrução. É o que se pode chamar de uma teologia queer (2008, p. 158).

Assim, a teologia *queer* apresentaria uma alteração da maneira como as igrejas das dissidências sexuais se relacionavam com a Bíblia. A releitura da Bíblia realizada pela *teologia gay* promovia uma compreensão e o entendimento das passagens bíblicas consideradas condenatórias, a delimitação do seu contexto e a colocação das circunstâncias descritas em cada livro ao período ao qual se refere, tirando da Bíblia o teor a-histórico que as igrejas tradicionais projetam como modelo a ser seguido. Por outro lado, “uma interpretação bíblica *queer* deve estar ligada ao tema da resistência, num sentido mais amplo, à resistência aos padrões heteronormativos” (MUSSKOPF, 2008, p. 152).

A historicização da teologia direcionada à relação entre a sexualidade e o sagrado foi realizada por André Sidnei Musskopf através da análise de obras de teólogos de língua inglesa e tendo como referência a história de luta dos movimentos gays estadunidenses, pois havia “quase ausência de referentes sobre esta área de estudo e pesquisa no Brasil e na América Latina” (2008, p. 160) e a proposta seria apresentar as experiências das dissidências sexuais e de gênero cristãs na constituição das suas teologias. Ele realizou necessária e

importante compilação da existência de igrejas na América Latina e das experiências das lideranças na articulação teológica das comunidades. Especificamente sobre o Brasil, ele discorre sobre a constituição da ICM e de outros grupos de dissidentes cristãos e os associa com as Comunidades Eclesiais de Base. O percurso para a instauração de um fazer teológico *queer* seguiria então pela articulação das proposições vindas do Norte Global sobre as dissidências sexuais para ocupar a ausência dessas discussões no campo teológico brasileiro, inclusive daqueles influenciados pela Teologia da Libertação.

O trabalho de Musskopf desenha as diferenças teológicas e as historiciza, contudo ele não menciona o que seria a teologia inclusiva enunciada pelas lideranças de comunidades inclusivas brasileiras. Foi Zedequias Alves que realizou a primeira discussão sobre o que seria essa teologia inclusiva citada pelos religiosos brasileiros, ainda que de modo genérico.

O trabalho de Alves, *Religão e sexualidade: reflexões sobre igrejas inclusivas na cidade de São Paulo* de 2009 é uma pesquisa da área das ciências das religiões e caracteriza o fenômeno das igrejas inclusivas como Novos Momentos Religiosos por compreender o cenário religioso brasileiro como diversificado a partir do processo de pluralização. Segundo ele, a diversidade religiosa brasileira abriu precedente para constituição de novas experiências religiosas afastadas dos modelos hegemônicos e as igrejas inclusivas fazem parte desse novo contexto. Contudo, o campo religioso brasileiro não pode ser compreendido como diversificado. O processo de pluralização produziu a ascensão e expansão de diferentes denominações cristãs, mas de maneira ampla o cristianismo permanece como força hegemônica no campo (PIERUCCI, 2002; MARIANO, 2013). Assim, ainda que as igrejas inclusivas sejam um fenômeno religioso recente e influenciadas pelas transformações no campo social produzidas pelos movimentos de dissidentes sexuais e feministas, ainda são experiências religiosas cristãs. Parece haver uma confusão, nesse sentido, entre diversidade religiosa e diversidade cristã na sua reflexão sobre novos movimentos religiosos.

Apesar da discondância com Alves sobre as características do campo religioso brasileiro e das igrejas inclusivas como parte dele, é fundamental ressaltar a importância da sua pesquisa por realizar relevantes reflexões sobre a organização estrutural da ICM e por se ocupar da constituição da Teologia Inclusiva. Todavia, a caracterização realizada por ele

sobre esse ramo teológico apresentava inconsistências significativas. Para ele, a Teologia Inclusiva, assim como a teologia negra e a feminista, seriam propostas derivadas da teologia da libertação. Além disso, apesar de citar o trabalho de Musskopf, ele emprega como sinônimas as teologias inclusivas, gay e *queer*.

Deste modo, Zedequias Alves não define muito bem no que consistiria a Teologia Inclusiva, apontando apenas uma afirmação genérica sobre ela ter como “premissa básica a aceitação da sexualidade como uma ordenação divina” (ALVES, 2009, p. 102). Talvez parte da dificuldade em discutir isso tenha sido pelos documentos escolhidos por ele para realizar tal discussão, já que ele utilizava os materiais disponibilizados nos *sites* das igrejas e não uma obra sistematizada sobre o tema. Ele afirma em sua dissertação não existir até aquela data material teológico produzido no Brasil, no entanto, o livro *A Bíblia sem preconceitos* do pastor e teólogo Marcos Gladstone (2008), responsável pela fundação da primeira ICM no Brasil, e posteriormente da Igreja da Comunidade Contemporânea - estudadas por Marcelo Natividade - foi publicada em 2008, um ano antes da defesa de seu trabalho.

Por outro lado, se Musskopf se baseou apenas nos livros de língua inglesa e Alves buscou analisar o que seria a teologia inclusiva a partir de textos difusos contidos nos sites das igrejas, a socióloga Raquel de Souza buscou discutir a constituição da teologia inclusiva a partir de referenciais teóricos diferentes, alcançando inovador entendimento sobre o fenômeno estudado.

Na dissertação *Teologia Inclusiva, Fé e Militância: A igreja da Comunidade Metropolitana e algumas controvérsias na Sociologia da Religião*, Raquel de Souza investigou os discursos sobre gênero e sexualidades nas ICMS do Rio e de São Paulo. No primeiro momento, ela percebeu que sua hipótese inicial de que o ponto central dos cultos era a ressignificação da culpabilização e a reconstrução dos significados de gênero e sexualidade estava equivocada. Encontrou na ICM, segundo ela, a desconstrução dos dogmas e não sua ressignificação. Além disso, contribuiu para a discussão sobre a teologia inclusiva ao criticar a rigidez da perspectiva bourdieusiana do campo e as disputas entre especialistas. Sobre isso ela afirma que não é possível considerar as lideranças religiosas da ICM de São Paulo e do Rio como atores privilegiados na construção do saber teológico:

Não é possível considerar o Reverendo Cristiano Valério assim como o líder pastoral do Rio de Janeiro, Marcos Lorde, atores privilegiados, ou especialistas que

detêm o poder de determinar os conteúdos religiosos, enquanto os leigos apenas apreendem de modo passivo, conforme propõe Bourdieu (2011). Este trabalho intenta entender, a partir de Latour (2012), as igrejas da comunidade como grupo, ou seja, um conjunto de conexões no qual os atores estão constantemente refazendo os meios que o torna possível. Seus líderes são os porta-vozes desses grupos, aqueles que falam pela sua existência e que podem determinar as pessoas que o compõem, o que deveriam ser e o que foram. (SOUZA, 2015, p. 81).

Nessa abordagem, a teologia consistiria não em um saber produzido pelas lideranças religiosas e especialistas, mas como resultado das relações entre aqueles e aquelas que compõem a comunidade. Um conhecimento estabelecido, diante disso, através das trocas, associações e, sobretudo, experiências das pessoas. Deste modo, ela não se preocupa em analisar a teologia inclusiva a partir dos livros publicados e dos materiais de estudo dos pastores e reverendos, mas como saber prático que se institui mediante as relações entre as pessoas na comunidade. Sua definição aponta uma relação orgânica entre as experiências e o saber que ultrapassa as dimensões hierárquicas das posições eclesiásticas.

É relevante a crítica feita por Raquel de Souza à rigidez da proposição bourdieusiana da busca por legitimidade do poder religioso objetivado pelos especialistas. Ela qualifica a discussão sobre as comunidades inclusivas como constituídas inicialmente pelo seu caráter vivencial e, como já apontado por Musskopf acerca das produções teológicas *gay* e *queer*, isso se estabeleceu como lugar decisivo para a constituição dos saberes teológicos afastados das matrizes heteronormativas. Contudo, ainda que vários e várias agentes atuem na constituição desse saber e que suas experiências em rede provoquem rachaduras no poder dos especialistas, as publicações sobre a teologia inclusiva, as entrevistas sobre o tema, bem como a divulgação desse ramo teológico vêm sendo realizadas no Brasil por pastores, pastoras, reverendos, reverendas, bispas e apóstolos.

Com efeito, poderia destacar que no caso da Comunidade Cristã Inclusiva do Salvador houve reuniões de estudos de teologia inclusiva. A forma aberta das discussões, trocas e o ritmo de conversa entre os e as participantes poderiam ser entendidos de acordo com a proposição de Raquel de Souza, mas o responsável pela orientação da discussão, levantamento do material de estudo e divulgação dos autores que o amparavam era o pastor e teólogo Luciano. (SOLEDADE, 2022). A importante atuação do teólogo Alexandre Feitosa junto ao movimento Mover Inclusivo Brasil também sinaliza para a permanente valorização da posição ocupada por especialistas na produção e divulgação da Teologia Inclusiva no

Brasil. Assim, mesmo que as associações e trocas entre agentes leigos tenham importância na constituição da comunidade e também do saber teológico, a disputa no campo e o exercício de poder nele é realizada por quem detém o capital e a legitimidade construída para tal.

As duas produções historiográficas produzidas no Brasil que versaram sobre igrejas inclusivas foi a tese de Eduardo Maranhão Filho (2014) e a dissertação de Fagner Brandão (2021). Enquanto Maranhão Filho em sua investigação sobre as peregrinações e conversões de pessoas trans em narrativas orais e no *Facebook* buscou compreender a “retroalimentação entre discurso de gênero e religioso [que] atua na (re/des) elaboração de identidades *de gênero* de pessoas *trans** e *ex-trans**” (MARANHÃO FILHO, 2014, p. 56), Fagner Brandão analisou o surgimento de igrejas cristãs inclusivas em Goiás e os desafios dos cristãos homossexuais em se inserir no mercado religioso. Ambas seguem o paradigma do mercado religioso, no qual as instituições religiosas são compreendidas dentro de um quadro de pluralização, dinamização das ofertas religiosas e da relação íntima com os meios de comunicação de massa. Contudo, elas diferem em relação ao foco da análise. Enquanto Maranhão Filho centralizou suas reflexões nas vivências religiosas e subjetividades trans em relação aos discursos religiosos normativos, Brandão buscou identificar o processo de formação institucional de igrejas em Goiás e as suas dificuldades de manutenção no campo religioso.

Deste modo, pesquisadores e pesquisadoras ocupados em compreender o fenômeno da emergência de igrejas evangélicas fundadas, administradas e frequentadas por dissidentes sexuais e de gênero têm seguido esses eixos de análise e focado nas relações institucionais, nas subjetividades e nas teologias dessas comunidades religiosas. No entanto, o campo permanece carente de investigações sobre as tentativas de articulação dessas igrejas. Com efeito, tem ocorrido desde 2011 esforços de organização de movimentos coletivos das igrejas e também de atuação ministerial paraeclesial em rede e isso desafia o campo a pensar em um quarto eixo de investigação.

NOVOS DESAFIOS

Entre 2017 e 2018 dois importantes organismos de articulação de dissidentes sexuais e de gênero evangélicos se materializaram. Em Fortaleza houve a fundação do

Conselho das Igrejas Cristãs Inclusivas do Brasil (ConiiBrasil) em um evento que congregou lideranças de diversas comunidades inclusivas do país. Já o movimento para eclesialístico *Evangélicxs pela Diversidade* ganhou repercussão com a abertura para a atuação de voluntariados pelo país através dos trabalhos de divulgação nas redes sociais em 2018, mas sua organização havia sido iniciada em 2016 e formalmente estabelecida em 2017.

Ambas as organizações foram forjadas num processo de articulação que demorou alguns anos até o seu estabelecimento formal. No entanto, a despeito de serem organismos pensados e desenhados por dissidentes sexuais e de gênero evangélicos, suas finalidades, formas de organização e atuação possuíam diferenças significativas.

A fundação do ConiiBrasil ocorreu na terceira edição de encontros organizados com a finalidade constituir um organismo responsável por representar os interesses jurídicos e políticos dessa nova vertente evangélica. Com efeito, sua constituição foi realizada em um processo de articulação e negociação atravessado por fluxos e refluxos.

A primeira tentativa de organização ocorreu no início da década, quando em 2011 e 2012 lideranças eclesialísticas de igrejas inclusivas se reuniram em São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente, contudo não houve avanços. Diante disso, igrejas de Goiás e Brasília passaram a se organizar localmente, Aliança Nacional das Igrejas Cristãs Inclusivas (ALIANCI) com sede em Goiás (FEITOSA, 2018). O acúmulo gerado pela experiência na ALIANCI tornou as lideranças das igrejas de Goiás e de Brasília importantes personagens na construção da articulação nacional das comunidades inclusivas.

A partir do diálogo estabelecido em grupos de plataformas de comunicação instantânea, foram essas lideranças as responsáveis por costurar a organização do Mover Inclusivo Brasil em 2016. Evento que possuía a finalidade de reunir os pastores e pastoras das comunidades inclusivas e tentar novamente construir um órgão representativo desse segmento evangélico. Nesse evento houve a participação de 24 representantes de 9 estados e mais o Distrito Federal. Em 2017 o encontro ocorreu em São Paulo e foram definidos os grupos de trabalho para a construção do conselho a ser oficializado em 2018 em Fortaleza (SOLEDADE; GOMES, 2023). Sua finalidade não era criar uma denominação que pautasse teologicamente ou doutrinariamente as comunidades inclusivas, mas apenas representar juridicamente e atuar politicamente em busca dos direitos previstos para as igrejas e também

para organizar a atuação nas igrejas na esfera pública nos temas previstos no estatuto, mas respeitando as realidades e decisões locais de cada igreja inclusiva.

Por outro lado, o *Evangélicxs* pela Diversidade não era um movimento de organização de igrejas e nem tinha como intuito ser uma entidade de representação. O *Evangélicxs* era um movimento de atuação ministerial em rede no qual sujeitos de diferentes vertentes evangélicas se uniram para promover a defesa de uma religiosidade evangélica em defesa dos direitos humanos, de luta pela igualdade e cidadania (EVANGÉLICXS, 2018).

A formação do movimento ocorreu no bojo dos debates realizados no Festival Reimaginar de 2016, no qual 150 pessoas de diversas matrizes evangélicas se reuniram para dialogar a respeito da sociedade brasileira e as quais as missões dos evangélicos progressistas naquela conjuntura:

Em 2016, por ocasião do Festival Reimaginar, em Brasília, evento promovido pela Novos Diálogos, um grupo de pessoas LGBTI+ e aliadas de diferentes igrejas se encontrou para conversar sobre “Bíblia, Gênero e Sexualidade”, momento que se tornou sonho e semente de uma articulação permanente de evangélicos LGBTI+. A princípio sob a moderação de Flávio Conrado, juntamente com Tálita Santana, ambos de Brasília, e de Bob Luiz Botelho, de Curitiba, primeiramente através da presença nas redes sociais para promover conteúdo digital, o *Evangélicxs* pela Diversidade foi organizado formalmente no final do segundo semestre de 2017 como uma articulação de pessoas LGBTI+ e aliadas a fim de lutar contra a violência cis-heteronormativa e lgbtfóbica de grande parte das igrejas evangélicas e disputar as narrativas do sagrado e da espiritualidade em diálogo com a diversidade sexual e identidade de gênero. Tornando-se público em maio de 2018, o perfil do *Evangélicxs* nas redes sociais teve rápido crescimento, a partir do qual foi possível iniciar um processo de convite para a participação de voluntariado na iniciativa, que foi paulatinamente ajudando na formação de núcleos espalhados nas cinco regiões do País (EVANGÉLICXS, 2020)

Deste modo, diferente do ConiiBrasil que foi fundada como uma organização de representação de igrejas, o *Evangélicxs* pela Diversidade era um movimento de atuação de pessoas evangélicas dissidentes sexuais e de gênero que não visavam a constituição de uma igreja ou comunidade de fé, ou seja, não procuravam formar uma igreja que acolhesse os expulsos das suas igrejas por conta da sexualidade e identidade de gênero, pois havia compreensão entre eles da necessidade realizar o enfrentamento da homofobia, lesbofobia e transfobia dentro dos espaços tradicionais das igrejas. Assim, o movimento seria uma plataforma de promoção de uma perspectiva religiosa que oferecesse um instrumental necessário para que dissidentes sexuais e de gênero permanecessem em suas igrejas e

pudessem contrapor os discursos e práticas de controle e perseguição de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais.

Nesse sentido, o campo de investigação sobre as dissidências sexuais e de gênero evangélicas possuem como desafio compreender os diferentes caminhos de atuação desses grupos sociais, suas estratégias e atuações no campo religioso. Necessário refletir sobre as interações entre essas agências e suas dificuldades em alcançar os objetivos desenhados para ambas. Além disso, é fundamental se indagar sobre o papel das atuações desses grupos na reorganização do campo progressista evangélico, bem como responderam aos desafios provocados pelo cenário de intensificação da atuação dos evangélicos conservadores na arena pública no período do governo de Jair Bolsonaro. Por fim, os sinais deixados pelos movimentos de articulação coletiva de dissidentes sexuais têm indicado que suas atuações não estão reduzidas ao espaço eclesiástico e de integração comunitária. Seus objetivos não são apenas incluir nas estruturas das igrejas, mas atuar conjuntamente na busca pelo reconhecimento dos direitos e nas disputas pela definição do sagrado de maneira que extrapola os espaços físicos dos templos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas sobre as dissidências sexuais e de gênero evangélicas têm se debruçado intensamente sobre as relações entre esse segmento da sociedade e os espaços de celebração de fé. Nesse sentido, os trabalhos têm destacado o papel do discurso religioso e das produções teológicas tradicionais na produção de subjetividades e como elas afetavam a vida das pessoas crentes. Essa avaliação das práticas e discursos que condenam e afastam dissidentes sexuais e de gênero das igrejas evangélicas foi a matriz das análises sobre a formação das igrejas inclusivas brasileiras. A partir disso, as pesquisas seguiram focos diferentes buscando compreender as trajetórias e experiências das pessoas que constituíram e frequentavam as comunidades inclusivas, as construções doutrinárias das igrejas e suas relações de contraposição ou subversão das normais sexuais e de gênero, bem como se travava as disputas pelo sagrado a partir da apropriação da Bíblia e das perspectivas teológicas circulantes nas nascentes igrejas inclusivas.

O desenvolvimento dessas pesquisas foi fundamental para a compreensão do fenômeno religioso no país, mas novas transformações advindas no campo e a emergência de novos organismos de atuação de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais evangélicxs no país desafia que os pesquisadores e pesquisadoras olhem de maneira mais atenta para esse novo momento de articulação desses grupos evangélicos. Suas atuações não estão mais circunscritas às igrejas. Se por um lado houve a intensificação da atuação de evangélicos conservadores na arena pública através da atuação da Frente Parlamentar Evangélica e da Associação Nacional de Juristas Evangélicos, é fundamental investigar as tentativas de enfrentamento promovidas por organizações coletivas de dissidentes sexuais e de gênero evangélicas. As documentações produzidas pelo Conselho das Igrejas Cristãs Inclusivas do Brasil e pelo *Evangélicxs* pela Diversidade são indícios e materiais importantes para a compreensão desse aspecto.

Assim, a emergência e ampliação das igrejas inclusivas foram seguidas pela formação de novos organismos que fazem parte do cenário de reorganização dos setores progressistas evangélicos e de suas interlocuções na arena pública brasileira. Portanto, há novos problemas e questões a serem pensadas e investigadas no campo de estudos das religiosidades evangélicas e da relação entre religião e política no Brasil na contemporaneidade. Há necessidade de olhares mais atentos para a compreensão das implicações dessas transformações.

REFERÊNCIAS

ALVES, Zedequias. **Religião e sexualidade**: Reflexões sobre Igrejas Inclusivas na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009.

BRANDÃO, Fagner Alves Moreira. **Religião e homossexualidade**: uma abordagem histórica e sociocultural das Igrejas Cristãs inclusivas em Goiás. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Goiás, 2021.

CARRANCA, Adriana. Parada Gay reúne 1 milhão na Paulista. **O Estado de São Paulo**: São Paulo, 23 junho. 2003.

CARMO, Arielson Teixeira do. **Rituais, trajetórias religiosas e homossexualidade na cidade de Pelotas-RS**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Instituto de Filosofia, Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

CONEXÃO Repórter. A igreja dos excluídos. **SBT**. São Paulo, 18 maio, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Od6TMVYQLwI>. Acesso em: 19. Maio, 2020.

EVANGÉLICXS pela diversidade. **Manifesto**. 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1qfJOOsaD763s1eIM5YUy2li8bU0PTFJc/view>. Aceso em 20. Fev. 2021.

_____, **Nossa História**. 2020. Disponível em: <https://evangelicxs.com/nossa-historia/>. Acesso em: 19. Fev.2021.

FEITOSA, Alexandre. **Igrejas Inclusivas: uma breve história**. Brasília: Oásis Editora, 2018.

FERREIRA, Miriam Laboissiere de Carvalho. **Homossexualidade e a Igreja Inclusiva no estado de Goiás: Igreja Caminho da Inclusão um estudo de caso**. 2016. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2016.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

GELINSKI, Adriana. **As vivências espaciais dos membros LGBT da Igreja da Comunidade Metropolitana em Maringá e da Igreja Episcopal Anglicana em Curitiba e a constituição das significações de suas sexualidades**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território: Sociedade e Natureza) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

GLADSTONE, Marcos. **A Bíblia sem preconceitos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Igreja Cristã Contemporânea, Rio de Janeiro, 2008.

HONORATO, Isabelle Brambilla. **Entre tensionamentos e disputas: família, religião e o processo de se assumir entre jovens de uma igreja inclusiva de Manaus**. 2016. 109 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

LIMA, Carlos Chagas Vilela. **A verdade (des)construída: a inserção da homossexualidade na Comunidade Cristã Nova Esperança, em Natal**. Dissertação (Mestrado em Antropologia social.) - Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

LORENZO, Daniel de Andrade. **Teologia Inclusiva nas redes sociais: evangelização inclusiva segundo a Igreja da Comunidade Metropolitana em João Pessoa**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. **(Re/des) conectando gênero e religião-peregrinações e conversões trans* e ex-trans* em narrativas orais e do Facebook**. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2014.

MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo de 2010. **Debates do NER**, PortoAlegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013.

MARTINS, Elisa. O evangelho gay: Nova igreja cresce nos EUA e chega ao Brasil pregando aceitação dos homossexuais. **Época**: Rio de Janeiro, 10 maio. 2004.

MUSSKOPF, André Sidnei. **Via(da)gens teológicas**: itinerários para uma teologia queer no Brasil. Tese (doutorado) – Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 2008.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. **Deus me aceita como sou?** A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro, 2008.

NETO, Moises Costa. **A Cruz Fora do Armário**: Caminhos Para uma (Homo)Sexualidade Santificada. 26/07/2013 188 f. Doutorado em SOCIOLOGIA. Instituição de Ensino: Universidade Federal da Paraíba, JoãoPessoa, 2013.

OLIVEIRA, Luiz Gustavo Silva de. **“O senhor é meu pastor e ele sabe que eu sou gay”**: etnografando duas igrejas inclusivas na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Cadê nossa diversidade religiosa? **Folha de São Paulo**. São Paulo, 29 dezembro 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2912200208.htm>. Acesso em: 10 de Out. 2019.

RODRIGUES, Eduardo Lima. **Igrejas evangélicas inclusivas da cidade de São Paulo e Guarulhos**: um estudo psicopolítico das igrejas vistas por seus pastores. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009.

SOLEDADE, Alisson Cruz. **Uma igreja inclusiva na Bahia**: a Comunidade Cristã Inclusiva do Salvador e a sua posição no campo religioso evangélico (2015-2018). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2022.

SOLEDADE, A. C.; GOMES, A. C. Mover Inclusivo no Brasil: notas iniciais sobre a organização coletiva de igrejas inclusivas brasileiras (2011-2018). **PLURA, Revista de Estudos de Religião / PLURA, Journal for the Study of Religion**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 18, 2022.

SOUZA, Raquel Moreira de. **Teologia Inclusiva, Fé e Militância**: A Igreja da Comunidade Metropolitana e algumas controvérsias na sociologia da religião. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

THOMÉ, Clarissa. Novo templo evangélico realiza união gay no Rio. **O Estado de São Paulo**: São Paulo, 04 maio. 2004.

VIEIRA, VanrochrisHelbert. **Vivendo no front**: discursos acionados por sujeitos na fronteira entre perspectivas LGBTs e evangélicas. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015.

WEISS DE JESUS, Fátima. **Unindo a cruz e o arco-irís**: Vivência Religiosa, Homossexualidade e Trânsitos de Gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo. Tese (Doutorado): Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

Artigo recebido em fevereiro de 2022. Aprovado em abril de 2022.